

A literatura hebraica no Estado de Israel

JACÓ GUINSBURG

Professor titular de Estética Teatral e Teoria do Teatro na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), escritor, tradutor e editor, diretor-presidente da editora Perspectiva

RESUMO A literatura hebraica no Estado de Israel procedeu, em suas múltiplas faces e desdobramentos ao longo de 60 anos, uma inovação narrativa e poética operada pela ruptura do discurso ideológico e programático (política ou estilística) e do discurso laudatório de afirmação nacionalista inscritos na literatura das primeiras décadas da fundação do Estado. Ruptura e inovação que se fizeram pela renovação da retórica da tradição – cujos “ecos muito antigos ressoam no discurso da contemporaneidade” – com as marcas da modernidade, o que resultará numa criação original, vigorosa e abundante e de notada qualidade. Reescritos semântica e formalmente, temas, estilos, procedimentos técnicos, abordagem do país e sociedade e tipo de “herói” judeu vão ao encontro da identidade literária judaica e da modernidade estética na literatura hebraica no Estado de Israel.

PALAVRAS-CHAVE Literatura hebraica israelense, passado histórico, ruptura, diálogo, inovação, identidade literária judaica.

ABSTRACT Over 60 years, Hebrew literature in the State of Israel, with its multiple facets and deployments, has created a narrative and poetical innovation operated by a break with the ideological and programmatic discourse (political or stylistic) and praise of nationalist affirmation that were part of the literature in the first decades after the State was founded. This break and innovation occurred by renewing the rhetoric of tradition – whose “very ancient echoes resound in the discourse of the contemporary age” – bearing the marks of modernity, which results in an original, vigorous and plentiful creation of remarkable quality. Semantically and formally rewritten, themes, styles, technical procedures, approach to country and society, and to the Jewish “hero” agree with Jewish literary identity and esthetic modernity in the Hebrew literature of the State of Israel.

KEYWORDS Israeli Hebrew literature, historical past, rupture, dialogue, innovation, Jewish literary identity.

APÓS UMA PEREGRINAÇÃO DE DOIS MILÊNIOS, A LITERATURA HEBRAICA RETORNOU À SUA terra de origem, resolvendo o angustioso dilema que levava Yehuda Halevi a exclamar: “Meu coração está no Oriente enquanto eu resido no extremo Ocidente!”¹. Essa frase, que faz eco ao salmista de “Junto aos rios da Babilônia...” (Bíblia, Salmo 137), consubstancia não só os anseios pessoais da mais alta expressão da musa hebraica na Espanha moura, como todo o problema de uma literatura que, acompanhando o povo judeu pelos quatro cantos do mundo, jamais conseguiu desfazer-se, em essência, do sentimento de exílio e da nostalgia de um passado que era a própria condição de subsistência e o único penhor de futura redenção. Desde a destruição do Segundo Templo, em quase todas as fases de sua atribulada trajetória, manteve-se apegada a este passado-futuro, lançado entre a lembrança histórica e a esperança escatológica. Era o chão de acesso à fonte de onde derivava uma parte fundamental de suas forças vitais e onde contava beber um dia o elixir da juventude.

Israel moderno é, sem dúvida, a realização desta busca e deste sonho. Mas, a sua literatura, que hoje cresce com todo o vigor de uma existência normalizada, de modo nenhum se tornou um mero reflexo daquelas raízes. Como a planta que brota da decomposição de suas sementes, a criação literária hebraica em Sion espalmou-se em direção própria, sob o influxo da realidade do solo em que se baseia, que é a de uma nação e uma sociedade com características sem par em seu passado, e a de uma luz, que é a de nosso tempo, violenta e inovadora, como este o é.

Pode-se falar, sem exagero, numa rica produção israelense no campo das letras. Se se tomar por base, por exemplo, neste pequeno país, os números da população e os das obras impressas, que em todos os domínios se lhe apresentam, ter-se-á, sem dúvida, um índice dos mais elevados, não só em termos da região, como, provavelmente, também pelos parâmetros do chamado primeiro mundo. É claro que se incluem aí, igualmente, aqueles espécimes que a indústria cultural e as mídias oferecem às massas em forma de livros. Mas, nem por isso se pode deixar de notar a abundância, inclusive qualitativa, de sua escritura na ficção romanesca mais ambiciosa e, de um modo particular, na invenção poética.

Há quem veja neste fenômeno e na especial popularidade que a poesia goza entre os israelenses um traço de suas afinidades com o mundo leste-europeu. Não há por que rejeitar *in limine* este parentesco, mesmo porque, no Ocidente, de um modo geral, o gosto pela arte do verso tem ficado cada vez mais restrito a grupos especializados. Mas cumpre não esquecer o poderoso impulso que o leitor israelense recebe da tradição literária hebraica e da própria língua bíblica. Sem pretender analisar o quanto ambas são responsáveis por este fenômeno, pode-se imaginar que o hebraico está entre aqueles idiomas que, por suas formas de estruturação e

pelos cargas semânticas que neles se depositaram ao longo do tempo, fazem apelo à literatura poética. De outro lado, é certo que o estro hebreu desenvolveu também, no curso de suas andanças históricas, um forte veio narrativo e estilos epicizados de linguagem que, tratados nos cadinhos da moderna estética literária e, principalmente, na fala de seus interlocutores israelenses, homens de todos os dias e de todos os países em seu país, resultou numa produção narrativa no conto e no romance que diz da vida e do espírito de Israel atual.

Mais do que em outras formas de expressão artística, na moderna literatura israelense articulam-se as representações mais significativas desta nova experiência judaica, em que ecos muito antigos ressoam no discurso da contemporaneidade, o qual, por sua vez, os ressemantiza com os sentidos da vivência atual.

Para dar ao leitor uma ideia algo mais particularizada do que seja esta produção literária do gênio hebreu na Terra da Promissão e quais os desdobramentos de sua criação ficcional, na prosa e na poesia, sem contar a literatura dramática, é preciso naturalmente recorrer a conceituações e divisões de que se valem as abordagens críticas em suas tentativas de enfeixá-las e distribuí-las na diacronia e na sincronia. Mas, aqui como lá, semelhante empreendimento constitui sempre uma redução a conceitos e denominações cujos objetos, por este ou aquele lado, se recusam a tal sujeição. Sob este ângulo, há sempre uma arbitrariedade ou, se se quiser, certa simplificação didática que pode eventualmente corresponder a um ou outro e até a vários traços pertinentes a algum tipo de comunhão literária, estética e/ou cultural segundo feitiços determinantes, no plano da história, da sociedade, da psicologia, da

cultura ou da mentalidade de grupos de escritores tidos como representativos e designados como tendência, corrente, geração, escola, onda, entre outras substantivações caracterizadoras.

No caso de Israel, poder-se-ia falar de três tendências básicas da exegese, que, aliás, não definem nenhuma novidade especial. Uma, de caráter histórico e sociologizante; outra, que trabalha na intersecção de estrutura e sociedade; e, uma terceira, que colhe os seus critérios nos procedimentos, nos estilos e nas estratégias poéticas da linguagem criativa. Eu diria que dois dos principais expoentes da crítica israelense mais recente, Gershon Shaked e Dan Miron, pertencem às duas últimas correntes. Mas não vou analisar aqui a natureza de suas colocações. Cito-os apenas para aduzir que, apesar de suas notórias divergências de concepção, ambos, assim como analistas filiados à primeira postura, coincidem, não para conceituá-las, mas para situá-las mediante um dado pragmático de referência no tempo, em nomear as duas das três gerações de autores nascidos em solo israelense como sendo *a da Terra* e *a do Estado*. A anterior, que se poderia chamar *a dos Pais* e que incorpora algumas das figuras seminais das letras neo-hebraicas na Terra Prometida, como foram Yossef Haim Brenner, Schmuel Yossef Agnon, Haim Hazaz, Dvora Baron, Uri Tzvi Greenberg, Abraham Schlonski, Nathan Alterman, Lea Goldberg, Yonatan Ratosch, para não mencionar Haim Nachman Bialik (1873-1934) e Saul Tchernikhovski (1875-1943), que seriam neste caso *a dos Avós* –, é um conjunto que foge ao nosso foco do momento. Tampouco foi possível encontrar na bibliografia específica uma nomeação mais expressiva para a leva de escritores que se apresenta a partir dos anos 80 do século XX. Fato que talvez tenha a ver com o caráter inteiramente individualizado ou irredutível a denominadores comuns, marcantes e abarcantes de sua produção

e de seus perfis literários, onde, se a busca é de algum cabide denominativo para pendurar nele a nossa desorientação, pode-se apelar para o hoje tão abusado “pós-moderno”...

Pretendeu-se que a *geração da Terra* trazia estampada, de maneira indelével, a marca do realismo. E, de fato, Moshé Shamir, S. Izahar (nome literário de Izahar Smilanski), Nathan Shaham, Yigal Mossinsohn, Aaron Megged, Hanoch Bartov, quando despontam, a partir dos anos 1940, parecem carregar, em sua linguagem, temas e modos narrativos, este timbre, diferenciando-se de tudo o que os precedera por uma objetividade e um despojamento que, embora não abandonem a luta pelos ideais da reimplantação no solo pátrio e da criação de um novo tipo de homem judeu, o *sabra*, repudiam a retórica altissonante da “sionistada” e heroificam as suas personagens e os motivos de suas ações a partir de um foco interior, de uma subjetividade que não se pretende ideológica. Entretanto, nesta mesma plêiade encontrar-se-á um outro segmento que, desde logo, se apresenta com viés impressionista e lírico. É o caso de Itzhak Oren, Benjamin Tamuz e Yehuda Ha-Ezrahi, que fazem soar notas onde se podem captar ecos de Schnitzler² e até do surrealismo. Mas não só neles, porque mesmo em Shamir, Shaham e, sobretudo, Izahar não deixa de transparecer esta atração pela interioridade, que se expressa também com técnicas do fluxo de consciência, do discurso livre indireto, independentemente do efeito que tais procedimentos possam ter nos universos ficcionais constituídos e do que se poderia chamar, não de sua mensagem, mas certamente de suas sugestões de leitura e do universo de valores que propõem – positivos, identificados com uma certa idealidade da terra e do homem, na forma de uma vinculação simbiótica com as modalidades peculiares assumidas pelo esforço de construção nacional, pela saga das renúncias pessoais na vida coletiva, dos grupos de

companheiros, do Palmach, da Haganá, do auto-sacrifício e da luta pela independência.

Vale assinalar que este é também o momento em que a prosa de ficção ganha maior relevo junto ao público leitor israelense e, até certo ponto, desloca do primeiro plano a poesia, que anteriormente ocupava grande parte do cenário das letras e projetava-se como a sua expressão mais inspirada. Isto não significa, porém, que tenha havido agora uma solução de continuidade criativa e uma incompatibilidade estética no que tange à produção poética. Ao contrário, tanto quanto antes, o fluxo do verso hebraico não esmoreceu. É então que Haim Guri, Benjamin Galai, A. Hilel e Amir Guilboa, um pouco mais velho, começam a publicar seus poemas. A eles cabe acrescentar os nomes de Aba Kovner, um dos comandantes do gueto de Vilno, e de Dan Pagis, entre outros. No conjunto, embora a arte de cada um seja bastante singularizada, pode-se dizer que predominam, neste grupo, as vozes do “nós”, em que pese o fato de serem articuladas preferencialmente em pauta lírica ou mesmo intimista. Como os prosadores, sua dicção desce dos cimos românticos e se desfaz da impositação e das simbolizações altiloquentes, envolvendo-se num “eu” que guarda nas dobras de seus versos as representações do nacional e coletivo.

Para o público brasileiro, os nomes e as obras que compõem tanto a primeira geração de escritores propriamente israelenses quanto a que a sucede nos anos 1960 continuam sendo, ainda hoje, se não totalmente desconhecidos, ao menos pouco familiares³. Isto, mesmo se se levar em conta que vários expoentes do ciclo aqui indicado como inaugural foram objeto de traduções esparsas em revistas de pouca circulação, de uma pequena recolha *Primavera em fogo*⁴, de *Coletânea de poesia* (BIALIK, 1954), de *Terra sem sombra* (SENNED, 1956) e de duas coletâneas mais abrangentes, uma publicada em 1966 sob o

título de *Nova e velha pátria* (GUINSBURG, 1966) e outra em 1983, com o nome de *A geração da Terra* (BEREZIN, 1983). Quanto à “Nova Onda”, outra das designações correntes da geração *do Estado*, uma amostragem significativa de sua produção, ocasionalmente veiculada em português na imprensa judaica local, veio a ser apresentada pela primeira vez em livro por Rifka Berezin e seu grupo da FFLCH da USP, com *O novo conto israelense* (BEREZIN, 1978). Foi em seu contexto que o nosso leitor teve acesso a narradores como Avraham B. Yehoshua, Amós Oz, Aharon Appelfeld, Amalia Kahana-Carmon e outros mais, ficcionistas de têmpera com uma abordagem e uma linguagem que lhes recorta um perfil próprio para além das letras hebraicas, na medida em que nos seus relatos a problemática específica de seu universo humano no espaço de sua identidade nacional e cultural cruza-se, em escritura original, com a do homem moderno em sua projeção universal. E o fato é tão marcante que no correr dos anos, em particular nas duas últimas décadas, este ceppo de criação sobretudo romanesca vem atraindo a atenção de editores no Brasil e as obras de Yoram Kaniuk, Avraham B. Yehoshua, Yaakov Schabtai e notadamente a de Amós Oz (a maior parte das quais em versão de Nancy Rozenchan) são divulgadas cada vez mais em vernáculo. Por limitada que possa ser tal comunicação, ela evidencia que se trata de um conjunto de romancistas dotado de poder de ressonância intrínseco e não meramente de um efeito gerado pelo montante prestígio internacional do autor de *Men Michel* (OZ, 2002).

Do ponto de vista dos recursos de construção e da economia formal, não há como distinguir por um caráter inconfundível esta segunda “Onda”. Na verdade, se o traço de sensibilização lírico-impressionista das personagens e dos cenários se acentua em seu âmbito, ele já figurava, como vimos, na geração *da Terra* ou, quando não, alguns de seus

integrantes evoluíram nitidamente em tal direção. Ao mesmo tempo, numa dinâmica que é de ambas, mas que vai desembocar e se espriar no terceiro grupo, dos anos 1980, acentua-se nos seus autores e nas suas obras a estreita desvinculação ideológica ou programática, seja em nível político seja em nível estilístico. A opção pela individuação passa pelo emprego das técnicas que, por fragmentação e colagem, despolarizam figuras, paisagens e situações, fazendo-as girar satírica ou grotescamente em torno dos espectros de sua unidade ou inteireza – de sua organicidade perdida. O estranho, porém, é que, não obstante o estranhamento imagístico assim suscitado e seu efetivo descompromisso mimético com eventuais modelos no mundo real, nem por isso se desfaz o laço narrativo com a memória histórica. É verdade que esta é recuada, retrocedendo da proximidade temporal de eventos como a Guerra da Independência ou a dos Seis Dias, para o Holocausto e, mesmo, bem para trás nos longes da Diáspora e da trajetória judaica, mas permanece como uma espécie de fonte viva da epicidade e do substrato traumático de experiência vivida.

Na poesia, com a nova leva de criadores, nos anos 1960, o processo iniciado anteriormente faz-se mais sensível: um real deslocamento de eixos, nos padrões culturais e nos parâmetros literários, assume também a clara feição de uma mudança na esfera das atrações eletivas e das afinidades de gosto que se fixam, agora, mais na dicção poética inglesa e americana do que na russa, alemã e francesa, antes privilegiadas. Entretanto, o que pesa aqui não é tanto uma reorientação de linhas de influência, quanto uma modificação de estado de ânimo, que refuga o verso ritual e épico das grandes questões nacionais e públicas e se exprime na preferência pelo poema curto, de situações circunscritas e personalizadas. A ênfase, pois, transfere-se do social e coletivo para o existencial e pessoal, e encarece um temário

profano e corriqueiro, onde o lirismo, a paródia e o absurdo vasam em linguagem coloquial, em rima livre ou verso branco, uma poesia em essência do viver humano.

Não se pretende, é certo, contrapor aqui criticamente a geração *do Estado à da Terra* ou do *Palmach*, pois não há como deixar de concordar com Dan Miron, quando vê nesta divisão mero jargão jornalístico, mesmo porque alguns dos partícipes do novo ciclo começaram a publicar já na década de 1950 e se muitos dos poetas do primeiro grupo jamais pertenceram à *Palmach*, um dos nomes exponenciais do segundo foi membro desta tropa de elite e lutou em várias de suas mais duras batalhas na Guerra da Independência.

Contudo, a poesia de Yehuda Amichai se apresenta desde o princípio em tom menor, a paisano, qual elocução corriqueira do homem comum a comentar coisas pouco dramáticas, mas esta clave não subsiste tão logo o ato de recepção se completa, pois não só as imagens são descoladas de sua capa familiar e deixam entrever o seu corte irônico, como as palavras aparentemente banais, que falam do despoetizado cotidiano na sua relação com a vida e a morte, com o amor e a guerra, convertem-se sem gestos maiores em estranhos e pungentes desmascaramentos poéticos dos chavões institucionais, das opiniões consagradas e das gloriolas militares.

David Avidan, ao contrário, chega às portas do transcendente, sem se propor a abri-las, quando seu estro enérgico e cheio de fé em si mesmo leva ao extremo, pelo absurdo e pela paródia existenciais, os problemas da vida e do espírito do homem moderno, ao mesmo passo que tenta libertar seu ego das limitações do tempo e do espaço. O toque surreal, que por certo está aí presente, resulta inclusive da conjugação de um certo prosaísmo coloquial carregado de elementos verbais da atualidade tecnológica e comunicacional com um certo fundo clássico.

Assim, algumas das técnicas preferenciais do poeta moderno, como a aliteração, a marcação pelo ritmo e, de outra parte, o uso da métrica e das rimas acentuadas permitem-lhe desenvolver uma escritura epigramática e também analítica que permeia as suas frases de ironia e reflexão e que lhe dão a fluência da língua falada com a musicalidade de versos simbolistas ou, segundo alguns, neo-simbolistas.

Todavia, se se pode falar de um projeto poético desta ou nesta geração, é em Nathan Zach que se há de encontrá-lo, seja expresso em teoria do poema, seja em texto de poesia. Seu ataque polêmico contra Alterman é visto como o marco histórico e o manifesto estético da nova contra a velha poeticidade (ZACH, 1959). Rejeitando os valores da “bela arte” e da arte bela, do verso bem feito e do efeito cerimonial, da reticência sensibilista e da ênfase exclamativa, reivindica uma poesia da imediatidade concreta e existencial. Em sua agenda criativa, escrita com a inflexão áspera e incisiva do hebraico israelense, registra-se uma lírica perpassada de tensão, desalento e descrença que se tecem como sombras projetadas, não tanto por um exame de consciência na meia-luz de um confessorário da subjetividade, quanto por uma lúcida operação crítica a incidir ironicamente sobre a razão de ser. Com este enfoque, a obra de Nathan Zach deu relevo a uma produção poética que, iniciada pela meditação apolítica acerca do banal na condição humana, transformou sua perplexidade em politizada militância literária em prol da esquerda em Israel.

É evidente que aos três poetas acima invocados seria preciso somar vários outros, como Dahlia Ravikovitch ou Pinkhas Sadeh, para que se pudesse ter um elenco minimamente representativo do segundo grupo na ordem cronológica, a assim apelidada geração *do Estado*. Mas no presente contexto não haveria como encompridar o nosso rol em chamadas individuais, do mesmo modo que, por

igual razão, nos vemos impossibilitados de fazê-lo no tocante aos escritores dos anos 1970 e sobretudo 1980. Narradores como Yaakov Schabtai, Ytzhak Orpaz, Yehudit Katzir, Savyon Liebrecht, Orly Castel-Bloom, e poetas como Meir Wiseltier, Iona Walach, Yair Hurvitz, Maia Bejerano, Léa Ayalon apenas serão aqui enumerados como citação para um eventual futuro encontro com o leitor brasileiro.

Mas a fim de não deixar no vazio, sem nenhuma demarcação, o âmbito, a problemática e as características que o debate crítico, em Israel, vem atribuindo ao que se constituiria, na ordenação ora adotada, numa espécie de terceira onda de sua literatura – um vagalhão com muita água da primeira e da segunda... – tentou-se fazer ecoar aqui alguma das vozes e das posturas neste confronto. Elas são de professores universitários, escritores e críticos militantes que, numa enquête promovida pelo jornal israelense *Yediot Abaronot*, se pronunciaram a respeito das propensões e das perspectivas atuais da produção literária da nação hebraica.

Nurit Govrin, por exemplo, declara:

Marca a década de 80 o surpreendente volume quantitativo da literatura hebraica em todos os gêneros. Trata-se de uma produção variada e pluralista, na qual se registra uma troca de guarda geracional, onde todas as guardas continuam ativas e fecundas. Comprovam esta abundância os 35 textos de prosa dignos de nota, obras de 30 autores de todas as idades no começo da década e os 65 volumes de prosa produzidos por 60 autores ao final da mesma década [...]. O signo dominante deste decênio é a ausência de uma linha uniforme, não há um modelo de escritura prevalente...

Gabriel Moked, por seu turno, assinala que

a comercialização e as relações públicas substituíram, na década de 80, o debate comedido sobre

os problemas da literatura. A ideia de *best-seller* popular e a repercussão nos meios de difusão, fora do âmbito literário, tomaram o lugar da avaliação da qualidade intrínseca da obra... Mas isto não indica a ausência de grupos seletos na narrativa ou um congelamento interno. Ao contrário, durante todo o curso dos anos 80, discerniram-se interessantes tendências dentro da prosa que não mais eram fruto de um determinado interesse público [...] A narrativa jovem sofreu na década de 80 a influência de uma corrente pós-modernista que, talvez, se possa encarar como uma quarta tendência que se incorpora aos três estilos clássicos da prosa.

Para Ortzion Bartaná,

A literatura israelense da década de 80 vai sendo criada dentro de uma confusão que encobre um total desmoronamento dos sistemas. Obras superficiais e banais concitam a atenção pública, obras revolucionárias não a obtêm e seus autores se veem impossibilitados de salientar sua originalidade [...] Na poesia o caos é absoluto, tendo ela perdido o seu papel de guia espiritual que desempenhou na primeira metade de nosso século, tanto na linguagem como nas ideias. Na prosa, as tendências contraditórias de realismo e fantasia levaram a uma perda da pauta do que é conto e do que é romance e qual deve ser a relação com a realidade.

Na opinião de Menahem Peri,

A tentativa de recortar dentro da continuidade da literatura, o que corresponde à década de 80 é um intento alucinado, algo como procurar interromper a corrente de um rio [...] Mas o signo característico dos anos 80 é o desenvolvimento de tendências e não uma coleção de escritores, tendências que talvez venham a moldar a narrativa dos anos 90. Pela primeira vez se detecta o estabelecimento de uma igualdade quantitativa

entre ambos os sexos de autores. Verifica-se também o abandono dos grandes temas sempre em voga da prosa israelense. Porém a abordagem é cada vez mais a do homem na sua qualidade de homem e menos a de atalaia da Casa de Israel.

Gershon Shaked, escrevendo sobre a década de 1970, a resumiu como sendo a da vivência “em gris”, enquanto a de 1980 lhe parece ser a do “surgimento e desenvolvimento do grotesco”. Sem ajuizar a qualidade dos escritores de ofício e novatos, ele encontra nas obras narrativas e poéticas e mesmo na dramaturgia uma “chave comum, que reflete o domínio do grotesco em nossa vida”. Isto não significa que a linha dos anos 1960 e 1970, na “tradição expressionista-simbolista”, tenham deixado de marcar presença, mas “a linha grotesca é dominante”. Este império é sintetizado pelo crítico nos seguintes termos: “Em suma, a era do grotesco. Corrupção grotesca na vida, que origina o grotesco artístico na literatura, que por sua vez dá lugar a uma postura grotesca, bastante ridícula, da crítica” (SHAKED, 1987).

Segundo Ruth Kartun-Blum, “A década se caracterizou pela ousadia da experimentação, pelo colorido de vozes, fenômeno devido ao acesso a influentes literaturas estrangeiras (Faulkner, García Márquez, Bruno Schultz) que penetraram na consciência dos escritores hebreus através de excelentes traduções”, embora o legado de Agnon continue exercendo forte impacto, ao ver desta crítica. Em sua visão, distinguem-se, na década,

duas tendências cardiais, conforme a relação do transcendente metafísico com a dimensão real-física. Em um extremo, a literatura fantástica cuja essência está na dimensão transcendente [...] e no outro se desenvolve uma literatura que alcança esta dimensão pelo aferrar-se ao aqui-agora [...] Dois movimentos aparentemente contraditórios

penetram nas diversas tendências, a saber, a vitalização da dimensão política cuja sequele é o crescente temor apocalíptico, e o constante ocupar-se do próprio processo de escrever: literatura sobre literatura.

literatura com maior ou menor intensidade, é difícil infundir estabilidade à escritura literária. Afinal de contas, o que é Agnon sem Mendele ou inclusive sem Brenner, o que é Oz sem Berditchevski, e o que somos Apfeld e eu sem Agnon?

Hilel Barzel entende que

a literatura hebraica da década de 80 deva ser lembrada como a da época na qual se registrou uma mudança significativa: a passagem do estilo abstrato-simbolista e extremamente imaginário para uma variante que vai em busca da realidade revelada [...] O idioma vertical que luta por ater-se às fontes clássicas é substituído pelo idioma horizontal que emula o modo de falar e expressar-se das diversas vozes, criança, velho, funcionário ou prostituta, psiquiatra ou soldado, pais e filhos. Aí se perfila uma tendência para inverter as normas do materialismo agônico que compreende também a substituição de seus elementos religiosos por uma postura metafísica geral, que não obriga à crença em Deus, ainda que o materialismo abstrato, que predominou anteriormente, não tenha perdido vigor e tenha ganho inclusive variedade e transcendência.

Como se vê, ao longo de sua existência israelense, a literatura hebraica não só prosseguiu no seu intento de reimplantar-se no habitat de suas raízes históricas, como era a sua aspiração milenar, mas também se empenhou – em um novo salto, como o que a levou nos fins do século XVIII de uma escritura predominantemente religiosa à laicidade crítico-beletrística da Hascalá (“Ilustração”) e, depois, do Iluminismo aos padrões artísticos da literatura europeia do séculos XIX e XX – em responder aos desafios da atualidade com uma arte correspondente ao seu caráter vertiginoso e multifacetado, edificando, com isso, uma vertente destacada da criação literária contemporânea nas diferentes feições de sua modernidade estética. A que atribuir este resultado? Sem dúvida, em grande parte ao valor que o novo contexto atribui a tal atividade, de modo que, neste sentido, cabe considerá-la como um fruto não só legítimo mas profundamente representativo do Estado hebreu, da sociedade que o constrói e da cultura do povo de Israel.

Na afirmação de A.B. Yehoshua,

A sensação de continuidade e obrigação nos permitem, em nossa geração, uma relação mais integrativa com o passado judaico, ao mesmo tempo que celebramos a clara identidade judaica, sem contradição alguma. Sublinho este ponto porque tenho a sensação de que, na geração da década de 1990, em especial, cessou aparentemente de todo o diálogo com a larga cadeia genealógica da literatura hebraica. Talvez isto tenha a ver com a percepção pós-modernista de fragmentação e ruptura ou com certa náusea política do judaísmo e da judaidade que caracteriza atualmente muitos escritores “nórdicos” (que residem no norte de Tel Aviv). Em todo caso, para mim é claro que sem diálogo desta natureza, que se mantém em toda

NOTAS

1 Ver referência em Glassman, 2007.

2 Arthur Schnitzler (1862-1931) foi um dramaturgo austríaco, conhecido por seus dramas psicológicos explorando egoísmo e erotismo na vida burguesa de Viena. Entre seus livros traduzidos para o português estão *Senhorita Else* (Paz e Terra, 1985), *A senhora Beate e seu filho* (L&PM Editora, 2001) e *Breve romance do sonho* (Globo, 2003).

3 A produção poética israelense foi transposta para o português esporadicamente. A uma primeira coletânea *Poesia em Israel* (1962), organizada e traduzida por Cecília Meireles, somou-se *Quatro mil anos de poesia* (1969), de Zulmira Ribeiro Tavares e J. Guinsburg e, mais recentemente, a edição de *Poesia moderna de Israel em Poesia Sempre* (1997), organizada por Dan Miron e vertida por vários tradutores, como Nancy Rozenchan, Rifka Berezin e outros. Merece destaque ainda o trabalho que Haroldo de Campos realizou neste terreno, com transcrições quer do legado poético bíblico, em livros como *Bereshit: a cena da origem* (1990) e *Qohelet/O-Que-Sabe* (1993), quer de poemas esparsos de alguns dos mais representativos criadores do novo espírito da invenção poética hebraica em Israel moderno.

4 Sel. J. Guinsburg, 1952.

REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. O romance israelense e a ficção pós-Segunda Guerra Mundial. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. São Paulo: Humanitas, p.121-137, 1998.
- BAND, Arnold J. "Literary Criticism in Israel", *Modern Judaism*, Oxford University Press, vol.11, p. 1-15, 1991.
- BARTANA, Ortzion. *80's: Israeli fiction in the last decade*. Tel Aviv: The Hebrew Writers Association in Israel, 1993.
- BARZEL, Hillel (org.). *Meassef: essays on Chaim Nachman Bialik*. Israel: Massada, 1975.
- BEREZIN, Rifka (org.). *A geração da terra*. São Paulo: Summus, 1983.
- _____. *O novo conto israelense*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BIALIK, H. N. *Coletânea de poesia*. Sel. e trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Keren Hayseod/Editora Biblos, Biblioteca do Jovem Judeu, n.26, fev, 1954.
- CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet, O-que-Sabe (Eclesiastes)*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- _____. *Bere'shit: a cena da origem*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GLASSMAN, Jane Bichmacher de. 9 de Av e Sefarad. Rio de Janeiro: *Rio Total*, ano 11 (2007), Semana 593. Disponível em: www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda1h4.htm. Acesso em: 10.out.2008.
- GOLD, Nili Sharf. *Yehuda Amichai: the making of Israel's national poetry*. Waltham, Mass.: Brandeis University Press; Hanover: University Press of New England, 2008.
- GUINSBURG, Jacó (org.). *Nova e velha pátria*. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- _____. (sel. e trad.). *Primavera em fogo: contos israelis*. Keren Hayesod, Biblioteca do Jovem Judeu, n.6, out.1952.
- _____; TAVARES, Zulmira Ribeiro (orgs.). *Quatro mil anos de poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- KRITZ, Reuven. Hebrew poetry in our generation, *Modern Hebrew Literature*, New Series, n.1, 1988.
- MEIRELES, Cecília (trad.). *Poesia de Israel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- MIRON, Dan. "A poesia hebraica de Bialik aos nossos dias", *Poesia Sempre*, ano 5, n.8, Fundação Biblioteca Nacional, 1997.
- _____. Antologia da poesia hebraica, *Poesia Sempre*, ano 5, nº. 8, 1988.
- _____. Modern Hebrew literature: Zionist perspectives and Israeli realities. In: WIRTH-NESHER, Hana (org.). *What is Jewish Literature?* Philadelphia: Jewish Publication Society, 1994.
- OZ, Amós. *Meu Michel*. Trad. Sônia Boguchwal e Nora Rosenfeld. São Paulo: Summus, 1982/São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ROZENCHAN, Nancy. *Literatura hebraica, vertentes do séc. XX*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- SCHAANAN, Avraham. *A moderna literatura hebraica e suas correntes*. São Paulo: USP/Centro de Estudos Judaicos, 1998.
- SENNED, Ionat e Alexander. *Terra sem sombra*. Trad. Jacó Guinsburg. Rio de Janeiro: Editora Beit M. Anilevitch, 1956.
- SHAKED, Gershon. *The new tradition: essays on modern*

Hebrew literature. Hebrew Union College Press/Waine State University Press, 2006.

_____. *Modern hebrew fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

_____. *The shadows within: essays on the modern Jewish writers*. Jewish Publication Society, 1987.

WALDMAN, Berta. *Linhas de força: escritos sobre literatura hebraica*. São Paulo: Humanitas, 2004.

WEISS, Hillel; BARZEL, Hillel (orgs.) *A history of Hebrew poetry*. Vol. I: The Chibbat Zion Period [in Hebrew]. Tel Aviv: Sifriat Poalim, 1987.

YEHOSHUA, A. B. La literatura de la generación del Estado, *Ariel: Revista de Artes y Letras de Israel*, 107-8, 1998.

ZACH, Nathan. Reflections upon Nathan Alterman's poetry, *Achshav*, 3-4, 1959.